



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Isabelly Carlana dos Reis (RA00306129)

**A simbologia da ultradireita: um estudo semiótico dos dog whistles e signos
linguísticos apropriados pelos movimentos de extrema direita da atualidade**

São Paulo
NOVEMBRO de 2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Isabelly Carlana dos Reis (RA00306129)

**A simbologia da ultradireita: um estudo semiótico dos dog whistles e signos
linguísticos apropriados pelos movimentos de extrema direita da atualidade**

Estudo analítico apresentado como trabalho de
conclusão do curso de Relações Internacionais pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Professor orientador: David Magalhães

São Paulo
NOVEMBRO de 2024

Resumo

O presente projeto de pesquisa visa investigar a forma como o discurso e a linguagem são determinantes na política e nas relações internacionais através da análise da apropriação de símbolos diversos pelas principais vozes da ultradireita ao redor do mundo do ponto de vista linguístico e semiótico e, a partir dessa periodização, entender o que muda em termos da veiculação de ideologias extremistas – desde seu caráter institucionalizado, como no caso da propaganda nazista, até a forma subliminar: os dog whistles.

Palavras-chave: Dog Whistles; Ultradireita

Abstract

This research project aims to investigate how discourse and language are determinants in politics and international relations by analyzing the appropriation of various symbols by leading voices of the far-right worldwide from a linguistic and semantic perspective. This analysis will trace the evolution of extremist ideologies, from their institutionalized forms, such as Nazi propaganda, to their more subliminal manifestations: dog whistles.

Keywords: Dog Whistles; Far-Right

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	p. 5
2. LINGUAGEM E ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO – PERSPECTIVAS DA PRAGMÁTICA E SEMIÓTICA -----	p. 7
3. DO INSTITUCIONALIZADO AO IMPLÍCITO: O QUE HAVIA, SUA CONDENAÇÃO E A NECESSIDADE DO SUBLIMINAR -----	p. 9
4. CÓDIGOS GRUPAIS: OS <i>DOG WHISTLES</i> -----	p. 15
4.1 O antigo remasterizado: Sol Negro -----	p. 18
4.2 De <i>meme</i> a símbolo de ódio: Pepe The Frog -----	p. 21
5. INTERPRETAÇÃO DOS CASOS A PARTIR DA LINGUÍSTICA -----	p. 25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	p. 27

Introdução

A capacidade de manipular corações e mentes por meio de um discurso persuasivo disseminado por uma máquina de propaganda sem precedentes foi fundamental para o surgimento e a manutenção da ideologia nazista, seja pela linguagem superlativa e aspecto místico e épico, ou pela imagética muito bem definida, com símbolos que reforçavam todo esse discurso. Desde o fascismo clássico, a estetização da política tem sido um elemento chave para seduzir as massas, algo que movimentos de extrema-direita atuais continuam a explorar, adaptando-se ao contexto contemporâneo e às redes sociais. (BOGERTS; FIELITZ, 2019. p.150)

Se antes sua veiculação se dava de forma institucionalizada, após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, a reestruturação elaborada em Potsdam (considerando os 4Ds: democratizar, desmilitarizar, descentralizar e desnazificar), o julgamento de Nuremberg e, posteriormente, todo o debate até chegar no texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, a barbárie cometida ao longo dos 12 anos de regime nacional-socialista estaria marcada para sempre, muitas vezes sendo uma representação de tudo o que há de mal e vil; o que era o *status quo* na Alemanha passa a ser um comportamento altamente condenável, e que deve ser repudiado, eliminado e jamais repetido – muito embora, na prática, tenha havido um “pacto de silêncio”, em que o foco se dava muito mais na reconstrução da Alemanha em duas zonas de ocupação (que desempenhariam um papel crucial na Guerra Fria), mas que permitiria que antigos nazistas se reintegrassem silenciosamente à sociedade, especialmente na RFA (LÜBBE, 1983).

Nesse contexto, muitos deles, tentando evitar a imputação penal, passaram a operar de forma mais discreta. Em vez de manter uma retórica abertamente nazista, optaram por promover ideias nacionalistas e conservadoras que, embora aparentassem ser mais moderadas, ainda preservavam elementos da ideologia nazista subjacente. Essa abordagem permitiu-lhes moldar o debate político de maneira mais sutil, evitando a condenação pública que inevitavelmente viria se suas conexões com o nazismo fossem explícitas. Em termos de veiculação de ideias, empregavam uma linguagem cuidadosamente escolhida para evitar a associação direta com o regime nazista, ao mesmo tempo em que enviavam sinais claros para aqueles que compartilhavam das mesmas crenças.

O nazismo é apenas um exemplo dessa movimentação, que ilustra a transição de uma veiculação em massa de ideologias extremas a partir de uma máquina do Estado para uma necessidade de se reinventar e navegar pelo implícito. Nesse trabalho, será usado o termo ultradireita para abranger outros movimentos alinhados à extrema direita que compartilham características em comum (dadas as devidas proporções de contexto histórico de onde se desenvolvem), e, para tanto, é relevante comentar de onde vêm suas bases teóricas, bem como fazer uma periodização de sua progressão ao longo do tempo, e que estratégias discursivas adota nos dias de hoje.

Com os avanços tecnológicos e consolidação do “virtual” como espaço de interação social e criação de comunidades, a lógica de comunicação se alterou significativamente nas últimas décadas. Esses espaços de compartilhamento de opiniões e visões de mundo incluem também a reconstrução e reagrupamento desse tipo de ideias extremistas e intolerantes, que em plataformas como o Reddit, 4Chan e X (antes Twitter), por exemplo, encontraram seu substrato.

Diante disso, o presente projeto de pesquisa acadêmico tem o objetivo de, interdisciplinarmente, (i) mergulhar no universo da semiótica para ter uma base teórica de como funciona a atribuição de sentido e possíveis significados diferentes para signos linguísticos diversos; (ii) através de uma periodização, analisar a transição de uma retórica extrema e intolerante desde seu caráter institucionalizado até sua condenação e, posteriormente, sua necessidade de criptografar suas ideias e navegar na ambiguidade; (iii) definir esses códigos grupais pelo que são – *dog whistles* –, e fazer o recorte de dois símbolos altamente difundidos: o Sonnenrad (Sol negro) e Pepe The Frog; e (iv) por fim, aplicar os estudos da pragmática e semiótica nesses casos e entender sua apropriação – leia-se sequestro – pelas principais vozes da ultradireita ao redor do mundo.

Para tanto, a base bibliográfica é vasta e inclui leituras e análises a respeito da ultradireita e sua ascensão, representação e comunicação, somados a estudos funcionalistas a partir do corte saussuriano – em especial a pragmática e a semiótica greimasiana –, que serão essenciais para a compreensão da transformação de signos linguísticos até então inofensivos, mas que ganham significados muito diferentes, corrompidos não só para a disseminação mais palatável da ideologia como também para o reconhecimento dos que dela compartilham.

A ideia é unir pontos de vista de duas áreas do conhecimento para o mesmo objeto de estudo. À primeira vista, a área de Letras pode parecer específica demais e não imediatamente

relacionada às questões de política internacional – às RI como um todo. No entanto, conforme Diana Luz Pessoa de Barros afirma em Teoria Semiótica do Texto,

O discurso constrói a sua verdade. Em outras palavras, o enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas fabrica discursos que criam efeitos de verdade ou de falsidade, que parecem verdadeiros ou falsos e como tais são interpretados. Por isso, emprega-se o termo “veridicção” ou “dizer-verdadeiro”, já que um discurso será verdadeiro quando for interpretado como verdadeiro, quando for dito verdadeiro.

(BARROS, 1997. p. 62)

Assim, uma vez que se assume que nenhum discurso é neutro, é possível ter uma dimensão do impacto que ele pode causar, deliberadamente ou não: moldar a linguagem ao usá-la a seu favor é o que permite a construção de narrativas que servem a propósitos específicos, e se manter atento a isso nos ajuda a compreender que agendas estão sendo incentivadas, fiscalizar o comportamento de grupos extremistas e contribuir para o debate e esforços de pensar em estratégias para combatê-los.

Linguagem e atribuição de sentido – perspectivas da Pragmática e Semiótica

Esta seção se propõe, a título de contextualização, apresentar brevemente os estudos funcionalistas da linguística, com enfoque na Pragmática e Semiótica, para que sirvam como base teórica para compreender a estrutura e lógica por trás dos dog whistles – objeto de estudo primordial do trabalho, que guia a discussão e análise de comportamento de grupos da ultradireita. Os pormenores conceituais estariam reservados a uma graduação em Letras, então o mostrado aqui é uma versão resumida e aplicada ao objeto da pesquisa.

Dito isso, um bom jeito de ser introduzido ao tema é partir do pressuposto de que a língua é um instrumento de comunicação, um organismo vivo, que se adapta à necessidade de seus falantes. Para Michael Halliday (1978), nas várias situações de comunicação, os participantes desempenham funções específicas que, por sua vez, influenciam a estrutura da língua. A comunicação, inserida em diferentes contextos, demanda dos falantes a escolha de expressões apropriadas para cada situação. Como o autor argumenta, “a organização interna da língua não é acidental; ela incorpora as funções que a língua desenvolveu para servir na vida do homem social” (p. 158). Isso influencia a interpretação do significado, o uso real da linguagem e como as palavras e frases são entendidas em diferentes situações comunicativas. A Pragmática nos dá, então, a capacidade de examinar os significados almejados pelos falantes, suas intenções, propósitos e os tipos de ações realizadas ao se comunicarem.

Os estudos funcionalistas, quando abordados a partir da perspectiva saussuriana, focalizam a análise de sistemas complexos e suas funções dentro de um todo coeso. O funcionalismo é uma abordagem que examina como diversos componentes de um sistema contribuem para o funcionamento e a estabilidade geral desse sistema. No contexto da linguística e outras áreas sociais, é sobre como as partes interagem e desempenham papéis específicos para manter a integridade e a operação do sistema como um todo.

Ferdinand de Saussure, um dos pilares da linguística moderna, introduziu conceitos fundamentais que moldaram a teoria estruturalista e forneceram uma base para a análise funcionalista da linguagem. Saussure diferenciou entre dois níveis principais de análise linguística: a língua (*langue*) e a fala (*parole*). A língua é entendida como o sistema abstrato e coletivo de regras e convenções compartilhado por um grupo de falantes, que constitui a estrutura subjacente que organiza e dá sentido à comunicação dentro de um idioma. Em contraste, a fala refere-se ao uso individual e específico da língua em situações concretas, representando a manifestação prática e variável da língua.

Saussure também apresentou o conceito de signo linguístico, que é composto por dois elementos inter-relacionados: o significante, que é a forma ou som do signo, e o significado, que é o conceito ou ideia associado a essa forma. De acordo com Saussure, o significado é construído através das relações diferenciais entre signos, e não por uma correspondência direta com a realidade externa. Assim, o estudo da língua e dos signos deve considerar essas relações internas e contextuais para entender como o significado é gerado e interpretado.

Dentro desse quadro, a pragmática se concentra na influência do contexto sobre a interpretação do significado das palavras e frases. Por exemplo, a frase “Você poderia me ajudar com isso?” pode ser interpretada de maneira diferente dependendo do contexto, podendo ser um pedido ou uma ordem, conforme o tom e a situação em que é proferida. Além disso, a pragmática analisa os atos de fala, que são ações realizadas por meio da linguagem, como fazer uma promessa ou uma solicitação. Esse enfoque também considera as implicaturas, que são significados implícitos não diretamente expressos, mas inferidos a partir do contexto. Por exemplo, a frase “Está frio aqui, não é?” pode implicar um pedido para fechar a janela. Outro aspecto importante da pragmática é a análise das pressuposições, que são informações assumidas como verdadeiras para que a comunicação funcione adequadamente.

Por outro lado, a Semiótica francesa ou greimasiana se caracteriza pelo percurso gerativo do sentido, um enfoque imanentista que descreve o sentido global do texto. Nesse caso, qualquer coisa é capaz de funcionar como um signo, incluindo palavras, imagens, gestos e outros símbolos, e essa vertente linguística se propõe a analisar como os signos operam dentro

de sistemas culturais específicos, ou códigos, e como esses sistemas influenciam a interpretação dos signos. Por exemplo, a cor vermelha: em um sinal de trânsito, traz um alerta ou proibição; em redes de fast-food, é usado em conjunto com o amarelo para abrir o apetite; em outras culturas, como a chinesa, pode representar felicidade ou sorte, e assim por diante. Dessa forma, no processo de significação, o significado dos signos é entendido como dinâmico e dependente das convenções sociais e contextos culturais em que são utilizados.

A Semiótica concentra sua análise nos signos em um sentido amplo, abrangendo texto verbal, não verbal e sincrético, ou seja, tudo o que transporta significado. Sua metodologia se baseia na relação entre sujeito e objeto, ambos investidos de significado desejado, onde o sujeito é equiparado ao ser que busca (ativo) e o objeto ao ser desejado (passivo). Para José Luiz Fiorin, “a existência semiótica é dada pela relação do sujeito com um objeto. Em outras palavras, um sujeito só tem existência na medida em que está em relação com um objeto.” (FIORIN, 2000, p. 178).

Em suma, os estudos funcionalistas analisam como as partes de um sistema contribuem para seu funcionamento e estabilidade, a partir da base saussuriana que diferencia entre a estrutura da língua e sua manifestação prática. A pragmática foca em como o contexto e a intenção afetam a interpretação do significado na comunicação, enquanto a semiótica explora como os signos e sistemas de signos criam e comunicam significados em diferentes contextos culturais e sociais. Cada abordagem oferece uma perspectiva distinta sobre a linguagem e a comunicação, considerando desde as estruturas subjacentes até os usos e interpretações contextuais dos signos, e são igualmente relevantes na investigação do processo gerativo dos dog whistles. É o ponto de partida para uma discussão mais focada na análise a ser desenvolvida por este trabalho.

Do institucionalizado ao implícito: o que havia, sua condenação e a necessidade do subliminar

Conforme já mencionado, é possível afirmar que o regime nazista só se tornou o que foi graças ao Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. O uso estratégico da linguagem, da imagética, simbolismo, cultura popular e a história, especialmente a mitologia nórdica e pagã, para promover sua visão de mundo e justificar sua ideologia de supremacia racial, foi um fator essencial no processo de tornar passável, cabível e até coerente o posicionamento do Nazismo de forma geral, sobretudo a respeito das minorias, como judeus, ciganos, homossexuais e pessoas com deficiência, por

exemplo. No artigo *O Poder das Imagens e Símbolos: Repercussões Sócio-históricas*, Elaine Conte e Adilson Cristiano Habowski comentam que o regime nazista

“Fazia da comunicação uma persuasiva arma para seduzir e encantar/cegar a população, como uma força de convencimento inscrito nas palavras e nos símbolos que traziam promessas de elevar a Alemanha ao ponto mais alto da Europa. Para tal feito, Hitler se encarregou de todas as áreas da estética, tornando-se o próprio diretor, o cenógrafo e astro das grandes reuniões que reuniam nas ruas milhões de pessoas como forma de ação política e convencimento público pela repetição de (des)informação e perpetuação no poder.”

(PEREIRA *apud* HABOWSKI; CONTE, 2008. pp. 232)

Além disso, convencer o povo alemão partindo de um lugar de ressentimento e ódio, latentes desde a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, e conquistando os corações e mentes, formou um alicerce de legitimidade para qualquer tipo de medida que viesse a ser instaurada, inclusive judicialmente – como as Leis de Nuremberg, em 1935, a Kristallnacht em 1938 e, posteriormente, a Solução Final – por mais extremas que pareçam: era preciso um “pulso firme” para restaurar a ordem e colocar o país de volta nos trilhos, atingindo o patamar que merece perante o mundo.

Há no senso comum a ideia de que a Alemanha nazista era um Estado policial totalitário, onde o controle do regime restringia severamente a liberdade individual. Hitler era visto como o centro do poder, e essa interpretação hierárquica, conhecida como “intencionalista”, afirmava que as decisões vinham de cima, refletindo a vontade direta do Führer.

Richard J. Evans, em seu livro *Terceiro Reich na história e na memória*, explora esse tema, comentando que, a partir da década de 1960, historiadores começaram a desafiar essa perspectiva, destacando as contradições internas do regime e a variedade de atitudes populares em relação às suas políticas. Novas pesquisas indicaram que muitos alemães comuns tinham relativa liberdade para resistir ou colaborar e que o aparato repressivo, como a Gestapo, era menor e menos onipresente do que se pensava. Estudos também revelaram que a maioria dos alemães via o nazismo de forma positiva e que o regime não dependia amplamente do terror para manter sua popularidade. (EVANS, R.J. 2015)

Pesquisadores como Götz Aly argumentaram que o Terceiro Reich era sustentado pelo entusiasmo popular, resultado de promessas de prosperidade e igualdade social, e não pela coerção. A ideia de que o regime era amplamente apoiado é reforçada por evidências de que os plebiscitos e eleições na década de 1930 demonstravam alto grau de aprovação. Essa narrativa de “ditadura por consenso” sugere que o regime nazista prosperou com o apoio popular, e não apenas pela repressão. Isso reconfigura a forma como a culpa coletiva dos alemães durante o regime nazista é entendida, destacando que o apoio a Hitler foi generalizado, ainda que

envolvesse uma complexa mistura de aceitação, entusiasmo e passividade. (ALY, G. *apud* EVANS, R.J. 2015).

O fim da Segunda Guerra Mundial e os eventos subsequentes, como a assinatura da Carta de Nuremberg para o estabelecimento do Tribunal Militar Internacional (TMI) e mais 12 julgamentos conduzidos pelos Estados Unidos, além da divisão do território alemão em 4 zonas de ocupação e o processo de desnazificação da Alemanha, ditaria o tom do que é ou não aceitável e passível de condenação. Em 1946, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou, unanimemente, que o crime de agressão, os crimes de guerra e os crimes contra a humanidade constituem violações do direito internacional, e incorporou a ele elementos como a Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, que entrou em vigor em 9 de dezembro de 1948, e previa a proteção de civis contra atrocidades, juntamente à ratificação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, dois dias antes no mesmo ano. Logo, os horrores do Holocausto e a ação e ideologia de seus perpetradores era não somente crime reconhecido pela lei internacional, como também algo cristalizado no senso comum como a epítome da maldade humana.

Apesar disso, na prática, não foi bem assim. Hermann Lübke, em *Der Nationalsozialismus im politischen Bewusstsein der Gegenwart*, argumenta que a desnazificação, apesar de uma necessidade, acabou ficando marcada por um pragmatismo que priorizou a estabilidade e a reconstrução econômica sobre uma revisão ética e judicial de fato rigorosa dos atos nazistas para além das grandes figuras julgadas em Nuremberg. Essa abordagem “prática”, por razões políticas e sociais, limitou a punição de ex-nazistas e permitiu que muitos fossem reintegrados à sociedade e ao governo, uma vez que a demanda por especialistas qualificados, como administradores públicos, professores, juristas e técnicos, foi tão grande que muitas vezes se optou por reintegrar esses indivíduos ao invés de excluí-los definitivamente da participação social.

Essa “amnésia seletiva” era quase um acordo tácito entre a sociedade e o governo: os alemães estavam cientes das atrocidades do regime nazista, mas havia um silêncio coletivo a respeito delas. Esse silêncio era visto como necessário para a reconstrução do país, especialmente com a crescente ameaça do comunismo e a divisão da Alemanha. Muitos ex-membros do Partido Nazista foram reintegrados ao funcionalismo público e às empresas privadas, onde podiam contribuir para a rápida recuperação econômica, em uma transição menos traumática e mais estável para a nova ordem democrática (LÜBBE, 1983). Assim, por mais que não fosse aceitável uma manifestação deliberada das ideologias pregadas ao longo de

todo o período do Terceiro Reich, a presença de muitos dos envolvidos ainda se mantinha, mesmo que “acanhada”.

Dessa forma, a existência desse pacto de silêncio construiu um eficiente cenário para a organização de grupos neonazistas e para o revisionismo histórico, em que o discurso começa a se voltar mais e mais para a esfera do subentendido. Então, a responsabilidade do regime nazista pela guerra e Holocausto (que será, inclusive, negado) passa a ser minimizada, e cresce o discurso de uma restauração do orgulho nacional, a “grande Alemanha” a ser purificada dos inimigos (como os comunistas, por exemplo) e ter sua ordem restaurada. O contexto da Guerra Fria e a visão da Alemanha Ocidental como um baluarte contra a expansão do comunismo no leste europeu pelos Estados Unidos – que por si só já tinha sua própria manifestação de uma “mais nova e mais radical subcultura conservadora” (MUDDE, 2022. p. 30) – também contribui para essa passabilidade e certo nível de tolerância do extremismo de direita, que se mesclava às forças reacionárias contra a ameaça bolchevique – e depois, às outras “ameaças” que viriam, em especial os imigrantes – e à construção gradual de um novo populismo de direita.

Em *Black Sun: Aryan Cults, Esoteric Nazism, and the Politics of Identity*, Nicholas Goodrick-Clark comenta que, entre os anos 1950 e 1970, grupos neonazistas e neofascistas essencialmente reproduziam práticas do passado, utilizando uniformes, bandeiras com suásticas e organizando marchas. Esses partidos políticos marginais eram formados por fanáticos e recrutavam apenas aqueles que admiravam o fascismo ou tinham convicções profundamente antissemitas. Apesar de o nacionalismo alemão ter sido transformado em uma ideologia global de racismo branco, a experiência histórica e política da Alemanha nazista continuou sendo o principal modelo seguido. (GOODRICK-CLARKE, 2001, p.4)

Ele cita que,

[...] Presos à memória do Nacional-Socialismo alemão, os neonazistas anglo-americanos permaneceram confinados a um culto nostálgico de veneração a Hitler, enquanto a condenação universal do Terceiro Reich e do Holocausto tornava impossível qualquer chance de sucesso político.

(GOODRICK-CLARKE, 2001, p.4) [tradução própria]

Nas décadas de 1980 e 1990, no entanto, alguns fatores alimentaram um renascimento dessa extrema-direita, antes ligada aos métodos e ideologia do Terceiro Reich. Cas Mudde, em *A Extrema Direita Hoje*, comenta e concorda com Nicholas Goodrick-Clarke ao dizer que, “alimentados pela imigração em massa e pelo desemprego, e, com uma década de atraso, os

partidos de direita radical começaram a cupar de forma lenta, porém constante, os parlamentos” (MUDDE, 2022, p. 31). Tanto a questão da imigração e os temores de “inundação racial”, além da globalização trazendo um fluxo massivo de capitais, informações, habilidades e pessoas através das fronteiras nacionais, o Ocidente começa a experimentar mudanças estruturais profundas. Diante desse cenário, o liberalismo e o capitalismo de mercado são novamente vistos como “motores de transformações indesejadas e ameaçadoras”, e, como no passado, uma reação nacionalista extremista ressurgiu focada em ideologias raciais para combater ameaças à identidade nacional e cultural. (GOODRICK-CLARKE, 2001, p.7). Mudde comenta que, nesse momento, “quase todos os partidos relevantes da extrema direita exibiam alguma combinação de nativismo, autoritarismo e populismo” (MUDDE, p.32).

Essa “virada de chave” não é exclusiva à Alemanha, e esse movimento se evidencia principalmente na Europa e nos Estados Unidos, mas também desperta com força na Índia, por exemplo, com o BJP, fusão entre os partidos Bharatiya Jana Sangh e Janata.

Para Mudde, há três ondas da extrema direita global: pós-guerra, o nazifascismo, entre 1945 e 1955; o populismo de direita, de 1955 a 1980; a direita radical, de 1980 a 2000, descrita acima; e a quarta onda, de 2000 para frente. É esta última que traz o maior diferencial em relação a suas antecessoras: a “naturalização e consolidação da extrema direita nos sistemas políticos” (MUDDE, 2022. p.34). Nesse momento, o que a ultradireita faz é justamente capitalizar essa insatisfação geral e se apresentar como uma alternativa que rompa com esse status quo a partir de uma narrativa nacionalista e radical, que alimenta ostensivamente essa retórica de “nós contra eles” explorando temas como a imigração, identidade nacional, perda da soberania ou simplesmente uma destruição dos valores tradicionais.

Isso não se dá somente no aspecto político. A globalização, liberalização da economia e desindustrialização alimentam o ressentimento pelas elites políticas, empresariais e a classe média asiática, por exemplo. A rejeição ao neoliberalismo traz uma necessidade de um Estado forte que proteja o país dos tentáculos de instituições internacionais, como o FMI. Com a crise financeira de 2008 – uma das três crises descritas por Mudde, além do atentado do 11 de Setembro e a crise de refugiados em 2015 – a percepção de que os governos estão mais interessados em salvar instituições financeiras do que em proteger o common people incita essa desconfiança e ódio, que a ultradireita canaliza de forma bem-sucedida.

Socialmente falando, se colocam como defensores da moral e dos valores tradicionais e conservadores, se opondo fortemente ao multiculturalismo e aos direitos da população LGBTQIA+, questões de raça e gênero que “deturpam” a sociedade, que foi perdida e precisa

ser resgatada. Um dos pontos focais é justamente a questão da imigração, que é central ao discurso e posicionamento de diversos partidos da ultradireita na Europa.

Se antes a extrema direita era esse “terreno proibido”, com a quarta onda, ela passa a ser mais uma das figuras do jogo político, conseguindo estender seus tentáculos gradativamente na própria opinião pública, e esse processo acontece muito graças à manipulação do discurso.

O nacionalismo e a supremacia branca de forma violenta, por si só, não se sustentam a longo prazo. Nesse sentido, a internet fez toda a diferença, permitindo que esse discurso se disseminasse cada vez mais, e de forma orgânica, sem lideranças institucionais. Um exemplo claro disso é a Alt-Right, cujo nome foi cunhado em 2009 por Richard Spencer e Paul Gottfried. *Alt* é justamente para se autodenominar diferente da direita tradicional americana (representada pelo GOP), adotando uma postura anti-intervencionista, defendendo o isolamento internacional dos EUA, distanciando-se de conflitos no exterior, além de ser protecionista, anti-imigração e avessa a quaisquer políticas de diversidade e “politicamente corretas”. É um movimento essencialmente metapolítico, com o objetivo justamente de infiltrar no debate público as ideias de nacionalismo branco.

Pode-se pensar a Alt-Right sendo sustentada por 3 pilares: o highbrow white nationalism (pautado em racismo biológico), paleoconservadorismo, e cultura cibernética, sendo essa última ferramenta essencial na incubação, ascensão e popularização do movimento. Os fóruns digitais e “meme culture” se aproveitam do anonimato, que permite uma entrada gradativa de temas mais extremistas, e usam humor como radicalização e rota de fuga. A transgressão ao politicamente correto e naturalização de teorias da conspiração (como o genocídio branco) com base no humor são usados, então, como arma política e meios de mobilização.

Felipe Poroger e Pedro Beresin na matéria para a Revista Piauí “As novas caras do neonazismo no Brasil”, dizem:

Pelo esvaziamento da carga histórica de símbolos nazistas, substituição do discurso de supremacia racial pelo da incompatibilidade cultural e a propagação de uma nova forma de revisionismo histórico, a estratégia é relativizar os fatos ao invés de contestá-los. Neutraliza-se, assim, o que há de mais podre na memória do nazismo, criando um universo dissociado e purificado, onde homens bárbaros podem ser admirados e cultuados.

(POROGER; BERESIN, 2023)

No livro *Kill All Normies, Online Culture Wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*, Angela Nagle diz:

A direita online, em contrapartida, tornou-se ainda mais cruel, com muitos indivíduos derivando tão para a extrema direita que seria inconcebível há apenas alguns anos, envolvendo-se em teorias de conspiração judaicas e semelhantes. Onde quer que você encontre mesmo a versão mais moderada da direita online – em fóruns, nos comentários do YouTube, no Twitter – agora também encontrará uma enxurrada dos piores insultos raciais imagináveis, comentários maldosos sobre mulheres e minorias étnicas, e fantasias de violência contra elas. Inevitavelmente, as teorias de conspiração judaicas e os ataques desumanizadores contra "rapugees" (refugiados) também aparecem. Até mesmo os conservadores começam a vislumbrar o nível de desumanidade que as guerras culturais desencadearam na direita.

(NAGLE, 2017. p. 101) [tradução própria]

Esse universo de incels, redpills e afins dá um salto ao mainstream em 2016, com a eleição de Donald Trump, e é nesse contexto em que uma gama infinita de possibilidades se abre em termos de interpretação de símbolos – e a que se associam –, além das novas formas de comunicação em grupo, subversão e apropriação de elementos.

Depois de fazer uma periodização e explorar a forma institucionalizada, sua condenação e renascimento, fortalecido pelo contexto político, econômico e social, no próximo capítulo, esse outro elemento chave será mais dissecado e explorado.

Códigos grupais: os dog whistles

A ascensão das redes sociais coincidiu com a quarta onda referenciada por Cas Mudde, e o potencial disruptivo desses novos meios de comunicação foi eficientemente assimilado pela ultradireita. Com a progressiva secularização da Igreja como instituição, que se adapta à realidade iluminista, se desencanta com o mundo e abandona sua retórica apocalíptica, e a “domesticação” da Esquerda pelo mercado e sua reconciliação com a democracia liberal, que impactou na sua capacidade de mobilização popular, no século XXI, não há mais um elemento canalizador para as angústias e raiva da sociedade democrática.

O ciberespaço, então, se apresenta como um novo caminho, propondo novas soluções rápidas e críveis para problemas complexos, e satisfaz o imediatismo e a individualização de escolhas e preferências alimentados pelo mundo dos algoritmos. As câmaras de eco, ou bolhas sociais, prendem os usuários em seus próprios interesses, confirmando e validando suas opiniões e expectativas, o que facilita sua radicalização (MUDDE, p.125)

A ultradireita se aproveita dessa rapidez e ampla gama de informações (e desinformações), sem a mediação da imprensa tradicional ou de qualquer checagem de fatos para reproduzir suas ideias através de um discurso maniqueísta, voltado para o engajamento e viralização, e que esvazia temas complexos através de humor e memes, por exemplo.

Mudde afirma que

“embora as redes sociais sejam parcialmente responsáveis por esse processo [da normalização da extrema direita em diversos meios] por meio da erosão da credibilidade da mídia tradicional e sua imagem de guardião do jornalismo, o impacto foi muito maior para os grupos menores e marginalizados da direita ultraradical e suas subculturas do que para os partidos bem-sucedidos de direita populista radical.”

(MUDDE, p.126)

No entanto, uma vez que as redes sociais impulsionam a candidatura de uma figura “antissistêmica”, que compartilha desses valores diluídos e eficientemente transmitidos, ou que humanizam um candidato consolidado no cenário político é “escolhido” como representante desses valores, aproximando-o do cidadão comum, não só a relevância desses grupos até então marginalizados passa a crescer, como também a dinâmica eleitoral por si só já muda muito de figura. O ciberespaço vem sendo cada vez mais usado como artifício político em campanhas eleitorais – seja com o delírio olavista no Brasil, a popularidade de Nikolas Ferreira entre os jovens ou todo o contexto que permitiu a eleição de Jair Bolsonaro em 2018; ou a fama de políticos da Alternative für Deutschland (AfD), partido de extrema direita alemão, no TikTok, uma coisa é certa: as consequências dessa soma de fatores já pode ser vista e pavimentada o caminho futuro para a maneira de se fazer política na atualidade.

Diante disso, é relevante explorar um artifício essencial que já era usado anteriormente, mas que desperta um potencial ainda mais perigoso com a forma como as redes sociais podem servir aos discursos da ultradireita. Ante à necessidade de se reinventar diante do ostracismo, a criptografia da linguagem se mostrou uma alternativa eficiente para evitar as imputações penais e julgamentos sociais. Assim, uma das principais estratégias de comunicação e reagrupamento desse tipo de retórica extremista foram os dog whistles.

Tal qual o próprio nome sugere, como um apito cujo som emitido se dá em uma frequência que só cachorros são capazes de escutar, os dog whistles referem-se a uma linguagem ou sinal que transmite uma mensagem a um grupo específico, enquanto permanece inofensiva e ambígua para o público em geral – símbolos ou expressões que podem evocar reações emocionais ou ideológicas no seu público-alvo sem que isso fique às claras para o restante que os ouvem.

Essa forma de comunicação opera em múltiplos níveis, e utiliza justamente a semântica de forma estratégica, manipulando o discurso e as intenções por trás dele. Então, evitando as retóricas abertamente intolerantes e extremistas, mesclar-se às ideias conservadoras e nacionalistas – em teoria, mais moderadas –, mas preservando elementos de sua ideologia inicial, traz maior flexibilidade e até palatabilidade para ela.

Querer proteger seu país e preservar os valores da família, por exemplo, jamais seria diretamente associado como algo intolerante e violento, mas essa proteção da pátria através de um discurso nativista, visando uma etnocracia, e a preservação da unidade familiar que só aceita um único modelo, no mínimo, levantam suspeitas a um ouvido mais atento.

Mais do que essa suavização e *rebranding* das ideologias, o dog whistle também se apresenta como algum signo cooptado, sequestrado, e com seu sentido alterado. Desde a suástica, símbolo milenar, presente em diversas culturas, e representando boa fortuna, até runas nórdicas e uma imagética *viking* e medievalista, essa apropriação, juntamente com a criação de neologismos, siglas e abreviações, veio muito a calhar na criação e exaltação de uma estética própria, que deles se tornou praticamente indissociável.

No artigo *Reimagining the Medieval: The Utility of Ethnonational Symbols for Reactionary Transnational Social Movements*, por Matthew Godwin e Elisabeth Trischler, essa faceta do etnonacionalismo simbólico é explorada, especialmente com a imagética medieval e contra o islamismo. Para os autores,

Esses símbolos encapsulam e simplificam objetivos estratégicos de enquadramento: primeiro, ao remeter a uma "era dourada" de identidades europeias distintas e etnonacionais que, em sua visão, foi perdida; segundo, ao identificar o multiculturalismo, a imigração e a concomitante islamização da Europa como as causas da erosão desse mundo ideal; terceiro, ao utilizar símbolos etnonacionais para criar um arcabouço moral que argumenta que a batalha transnacional contra o Islã no período medieval continua contemporaneamente, mas agora é etnonacional em vez de religiosa; e, por fim, ao defender que essas forças devem ser expulsas da Europa e que a violência é uma resposta justificável para alcançar esses objetivos.

(GODWIN; TRISCHLER, 2021. p. 223) [tradução própria]

Então,

A construção de símbolos etnonacionais derivados do período medieval reimagina mundos ideais ao delinear uma fronteira de “nós contra eles” entre membros de distintas nações “europeias” e não-membros. Além disso, evoca e simultaneamente estabelece uma luta intergeracional e transnacional contra a percepção de uma incursão islâmica, promovendo como solução para a erosão das identidades etnonacionais a expulsão de muçulmanos da Europa, incluindo, em alguns casos, por meio da violência.

(GODWIN; TRISCHLER, 2021. p. 224) [tradução própria]

Tal qual os “valores tradicionais”, essa “reimaginação” de uma grandeza do período medieval passa a ser um discurso que oculta os reais princípios intolerantes e extremistas, e

mescla as frustrações atuais com um resgate geracional que exclua qualquer elemento que não se encaixe nessa estética.

Para explorar de forma mais incisiva essa faceta dinâmica no uso de símbolos diversos em prol de discursos da extrema direita, trouxe para análise dois casos – um mais clássico e bem conhecido, e outro mais recente, fruto das redes sociais: são eles o Sol Negro e Pepe, the Frog.

4.1. O antigo remasterizado: Sol Negro

As representações do Sol são milenares e comuns a diversas culturas, e normalmente incluem círculos, com ou sem raios, cruzes e espirais. Na iconografia religiosa, a personificação do Sol ou de atributos solares é frequentemente representada por um halo ou uma coroa radiante. Seja Rá, Hélios, Apolo, Suria ou Sigel, essa simbologia sempre foi muito presente nas manifestações artísticas e literárias ao redor do globo.

No século XIX, quando o estudo sistemático da mitologia comparativa ganhou popularidade, a opinião acadêmica tendia a superinterpretar mitos históricos e iconografia sob a perspectiva do “simbolismo solar” – esse tópico foi especialmente evidente nas obras do filólogo e orientalista alemão Max Müller, que buscava encontrar padrões universais em mitos e símbolos de diferentes culturas, frequentemente associando muitos deles esse simbolismo do sol, no contexto dos estudos indo-europeus.

O Sonnenrad, ou Sol Negro, originalmente tem raízes na mitologia e simbolismo germânico, e foi reapropriado por grupos de extrema direita e neonazistas, frequentemente associado à ideologia da superioridade racial e à busca por um retorno a uma era considerada mais pura. O símbolo consiste em uma roda com doze raios semelhantes a runas, que podem simbolizar um ciclo eterno ou o sol como fonte de poder e vitalidade.

Ainda que Adolf Hitler não fosse exatamente um líder religioso, membros de sua cúpula, como Heinrich Himmler, Reichsführer da SS, e outros ocultistas nazistas utilizaram este e outros símbolos antigos na tentativa de criar uma estética e uma ideologia que conectassem o nazismo a um passado “ariano” mítico e legitimassem sua visão racial.

Como o antissemitismo era central à ideologia no Terceiro Reich, alguns nazistas encontraram nas tradições nórdicas uma alternativa que consideravam a fé verdadeira dos povos originários da Europa do Norte. Essa visão enfatizava um modo de vida saudável ao ar livre e uma conexão mística entre o povo e a terra, o que alimentava o nativismo tão latente. Himmler via no renascimento de uma espiritualidade genuinamente germânica a união do povo alemão, e a imagética nórdica e medieval era ostensivamente usada no nacional-socialismo – a suástica

como principal símbolo, além do tríscele, a cruz solar, e o foco dessa seção, o Sol Negro, incorporado no chão do castelo de Wewelsburg, como manifestação do poder ariano.

Imagem 1: Sol Negro no piso do castelo de Wewelsburg, Büren, Alemanha.



Fonte: https://www.reddit.com/r/evilbuildings/comments/t9v4no/the_black_sun_mosaic_in_the_obergruppenf%C3%BChrsaal/

Justamente por isso, o uso desses símbolos nórdicos antigos gera divisões dentro de movimentos neopagãos que buscam restaurar as religiões pré-cristãs do norte da Europa. Para alguns, esses símbolos são elementos sagrados de suas práticas espirituais e devem ser usados livremente, como forma de expressão tanto dentro de suas comunidades quanto publicamente. Outros, porém, veem esses mesmos símbolos como manchados devido à sua associação com movimentos supremacistas brancos. Enquanto certos praticantes focam na luta direta contra a supremacia branca, outros consideram que parte dessa batalha envolve preservar o significado original dos símbolos e impedir seu uso indevido. Independentemente da postura, a

deturpação desses símbolos é percebida como uma perda importante, que afeta tanto os indivíduos quanto o desenvolvimento das religiões neopagãs.

Inevitavelmente, essa relação acontece, e essa exaltação da estética pagã partindo de um ponto de vista de resgate de pureza racial já vem sendo altamente difundida desde a propaganda nazista, mas é possível afirmar que atingiu um nível totalmente diferenciado com o advento das redes sociais e sua capacidade de mobilização rápida e em grande escala.

O uso prático de símbolos desempenha um papel estratégico como ferramentas de persuasão e coerção no campo político, especialmente em contextos de conflito. Um dos casos mais evidentes disso é o Batalhão Azov, na Ucrânia.

Criado e incorporado à Guarda Nacional ucraniana em 2014, a milícia de extrema direita chama a atenção por sua evidente expressão nazista – desde seu símbolo, o Wolfsangel, até o uso deliberado de outros *patches*, como Totenkopf, a runa odal com serifa, e o Sol Negro. Nesse cenário, a imagem se transforma em um elemento central na construção de uma narrativa política, servindo como justificativa simbólica para ações como a invasão da Ucrânia.

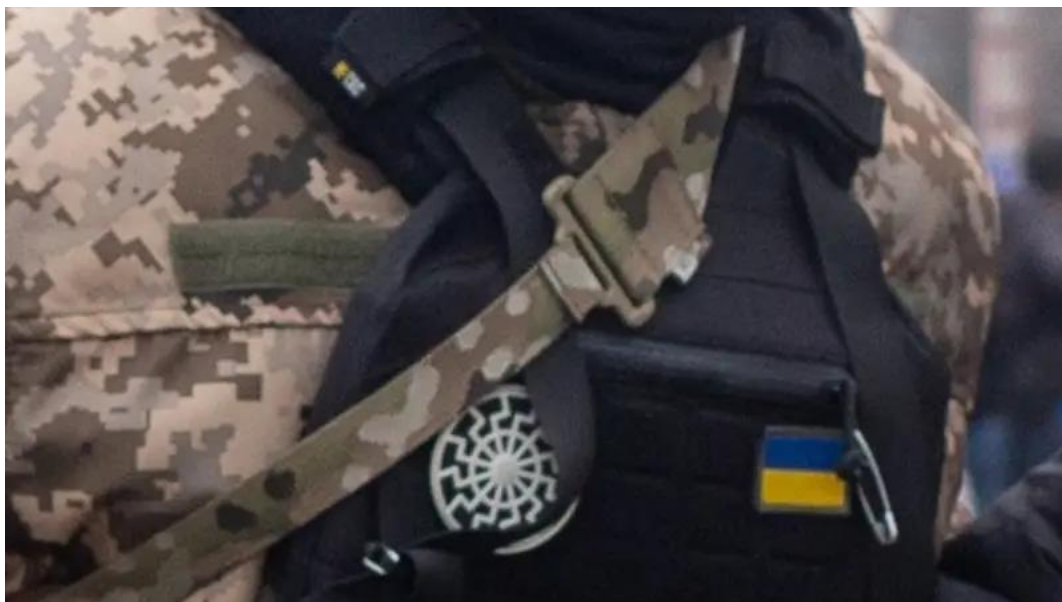
Rodolfo Queiroz Laterza, para a Outras Palavras, comenta que,

“embora seja impreciso qualificar toda sociedade ucraniana como adepta de uma ideologia neonazista ou de supremacia étnica, é visível a forte influência social e no esforço militar do país de agrupamentos extremistas, criando o pretexto narrativo da “desnazificação” invocada pelo Kremlin como objetivo estratégico relevante.”

(LATERZA, 2024)

Por mais que o Sol Negro seja um símbolo nazista conhecido, não chega a ter o mesmo nível de popularidade da suástica, por exemplo. Nela, a associação com o nazismo é inegável, uma vez que se tornou o estandarte e encapsula a própria ideia do Terceiro Reich. Assim, com releituras modernas de um símbolo antigo, seu funcionamento como dog whistle segue sendo muito eficiente – transmite a mesma ideia de que a suástica, mas evita as proibições que esta enfrenta.

Imagem 2: Uso do Sonnenrad no uniforme de um membro do Batalhão Azov



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60646562>.

4.2. De *meme* a símbolo de ódio: Pepe The Frog

Para Pierre Lévy, em Cibercultura:

O virtual existe sem estar presente. Acrescentemos que as atualizações de uma mesma entidade virtual podem ser bastante diferentes umas das outras, e que o atual nunca é completamente determinado pelo virtual. Assim, de um ponto de vista acústico e também semântico, nenhuma atualização da palavra se parece exatamente com nenhuma outra, e há pronúncias (nascimentos de novas vozes) ou sentidos (invenções de novas frases) imprevisíveis que, no entanto, podem sempre aparecer. O virtual é uma fonte indefinida de atualizações. (LÉVY, 1997. p. 49)

É justamente essa condição do virtual e sua capacidade de criação de novos contextos que abre espaço para reinterpretação de símbolos, reciclagem de uma ideia, que pode ser veiculada de uma maneira diferente. É o que acontece com os memes, por exemplo. Para Diana Barros em Teoria Semiótica do Texto, o humor e as piadas, em geral, são

“...bons exemplos de coerência semântica, pois, muitas vezes, a graça do chiste decorre da ruptura dessa coerência e da proposição de outra leitura. Essa segunda leitura, inesperada, constrói-se também a partir dos traços semânticos do discurso e liga-se freqüentemente à primeira, previsível, por um elemento figurativo.” (BARROS, 1997. p. 67)

Essa construção de piada nos elucida para o processo que o próprio meme passa e a ferramenta narrativa da qual se utiliza – muitas vezes, essa quebra de expectativa. O que o difere, de fato, é o formato. O termo “meme” foi introduzido pelo etólogo Richard Dawkins para descrever uma unidade de transmissão cultural que funciona de forma análoga aos genes. O autor propôs que, assim como os genes se replicam e variam, os memes se espalham entre as pessoas por meio da imitação. No entanto, não são replicados de forma idêntica; eles sofrem modificações durante a transmissão, o que revela um processo de evolução contínua.

Assim, são três as propriedades essenciais desse conceito: longevidade, ou seja, o tempo em que o meme perdura em determinado espaço, tornando-se veículo que se preserva (DAWKINS, 2007); fecundidade, sua capacidade de se espalhar rapidamente entre as pessoas, muitas vezes em curto prazo, mas sem garantir uma durabilidade (*idem*); e a fidelidade, isto é, a precisão na reprodução das ideias – muito embora, como os memes tendem a ser alterados conforme vão sendo replicados, essa fidelidade é, muitas vezes, relativa.

A professora Limor Shifman (2014) amplia essa discussão, enfatizando que os memes não apenas se espalham como vírus, mas também moldam e refletem posturas sociais. Ela distingue entre memes e conteúdos virais, argumentando que os primeiros se caracterizam pela variabilidade e transformação, enquanto os últimos são apenas cópias. Os memes, portanto, devem ser vistos como elementos interconectados em redes culturais complexas, e não como unidades isoladas. Eles têm um papel ativo na comunicação, funcionando como meios de expressão que adquirem significado através das relações que estabelecem dentro de um contexto social mais amplo. Dessa forma, o estudo dos memes requer uma análise das interações e dos discursos que os cercam, evidenciando a dinâmica entre estabilidade e mudança na linguagem digital.

A partir disso, temos um ponto de partida para um outro (transformado em) dog whistle, mas que ao contrário do Sol Negro, não herda um contexto histórico profundo, nem tem raízes em outros símbolos mitológicos. Indo de meme a símbolo de ódio enquadrado pela Anti-Defamation League (ADL), o próximo caso a ser analisado por este trabalho é Pepe the Frog.

Personagem da história em quadrinhos online *Boy's Club*, Pepe The Frog surgiu em 2005, criado pelo artista e ilustrador americano Matt Furie. Sua imagem repentinamente se tornou um fenômeno na internet ao ser amplamente adotado como meme no final dos anos 2000 e começo dos 2010. Por seu caráter antropomórfico, carismático e identificável, foi reproduzido

de incontáveis formas diferentes, colocado em várias situações e falas atribuídas a ele, e usado até por celebridades como Katy Perry e Nicki Minaj.

Pepe não tinha nenhuma conotação intolerante em sua concepção. No entanto, apesar de a maioria de seus memes não serem ofensivos, à medida que o personagem foi se disseminando por plataformas como 4chan, 8chan e Reddit – cuja concentração de grupos e conteúdo de extrema direita encontra um espaço propício para congregação devido à possibilidade de se manter anônimo – foi surgindo um subconjunto de memes de Pepe de caráter racista, xenofóbico, antissemita e discriminatório em várias instâncias: desde retratá-lo como Hitler ou soldado nazista, deturpando a frase de efeito (“Feels good, man” para “Kill Jews, man”), até uma caricatura de um judeu sorrindo enquanto assiste ao ataque do 11 de Setembro, as variações foram se tornando cada vez mais extremas e difundidas ao ponto de a associação do sapo a esse tipo de discurso se tornar inseparável.

Esse processo começa muito como uma reação dos *channers* à popularização do meme. Olivia Nuzzi, em *How Pepe the Frog Became a Nazi Trump Supporter and Alt-Right Symbol*, entrevista um nacionalista branco, suposto estudante de 19 anos na Costa Oeste dos Estados Unidos, que alega haver uma campanha para recuperar Pepe dos *normies*. Na reportagem, Nuzzi define os *normies* como

“...básicos — membros da sociedade agradáveis e alinhados ao mainstream, que não têm opiniões políticas abertamente repulsivas nem hobbies questionáveis. Eles são como Katy Perry, e quando adotam um meme, o meme morre, da mesma forma que sua banda favorita “morre” quando vende sua música para um comercial da Chevrolet. Em outras palavras, quando a cultura mainstream entra na piada, a piada está arruinada para sempre.”

(NUZZI, 2016) [tradução própria]

Segundo ela, foi no /r9k/, um fórum polêmico do 4chan que Pepe começou sua transformação. “Esse fórum tem vínculos com Elliot Rodger, o atirador de UC Santa Barbara que matou seis pessoas em 2014, e também com o GamerGate. Foi ali que Pepe passou de um desenho inofensivo a um “monstro verde”.” (NUZZI, 2016) [tradução própria]

No entanto, o que mudou completamente o cenário foi o uso de Pepe por Donald Trump. Durante sua campanha presidencial, membros da Alt-Right adotaram Pepe como um símbolo não oficial de apoio, uma vez que o candidato, naquele momento, representava o descontentamento com o mainstream, além de ecoar ideias nacionalistas. Esses memes frequentemente combinavam imagens de Pepe com slogans de campanha de Trump, como “Make America Great Again”.

Ainda na entrevista com o channer anônimo, @JaredTSwift, ele “afirma que parte do apoio a Trump era feita como piada, mas, para a maioria de seus colegas, era algo sério. Ele até declarou ter votado em Trump nas primárias e prometeu votar também na eleição geral.” (NUZZI, 2016). Ele continua:

“De certo modo, conseguimos empurrar o nacionalismo branco para uma posição muito mainstream,” disse ele. “O apoio online a Trump foi crucial para o seu sucesso, acredito. E a verdade é que seus maiores e mais dedicados apoiadores online são nacionalistas brancos. Agora, movemos a janela de Overton. As pessoas adotaram nossa retórica, às vezes sem perceber. Estamos preparando o terreno para uma grande mudança cultural.”

(NUZZI, 2016) [tradução própria]

Esse apoio foi alimentado pelo próprio Donald Trump. Em um dos casos, retweetou uma das versões de Pepe com seu rosto:

Imagem 3: Tweet de Trump



Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-37493165>

A defesa de um símbolo previamente considerado uma forma de expressão trivial ou cômica revela, na realidade, sua apropriação por grupos online que o carregam de significados relacionados ao ódio. Esses grupos amplificam características de intolerância que tornam o símbolo um instrumento de ideologias extremistas. Quando utilizado por um candidato à presidência dos Estados Unidos (que acabou, de fato, se elegendo), esse meme assume um papel estratégico, comunicando mensagens claras para aqueles que compreendem seu subtexto. Seu impacto transcende as fronteiras nacionais, influenciando o cenário político global e incentivando movimentos de extrema-direita em outros países, como o Brasil e, mais recentemente, a Argentina, onde passaram a agir de forma mais agressiva após serem fortalecidos por essa retórica compartilhada.

Interpretação dos casos a partir da linguística

Conforme evidenciado anteriormente, a semiótica oferece uma ferramenta poderosa para compreender como símbolos e imagens podem carregar significados complexos e, muitas vezes, ocultos. Este capítulo visa realizar uma análise semiótica dos exemplos supracitados, ambos utilizados em contextos que vão além de suas representações literais e, através dessa análise, entender como esses signos se relacionam com ideologias sociais e políticas, bem como com movimentos de extrema direita.

Dentro do estruturalismo e da pragmática, essa análise pode ser dividida em três níveis semióticos: (i) denotativo, em que é explorado o significado literal e objetivo de um signo – o que se vê diretamente, sem qualquer interpretação adicional, com foco é no que está fisicamente representado; (ii) conotativo, que trata dos significados simbólicos e subjetivos que surgem a partir do signo, e que considera-se associações culturais, emocionais ou históricas que uma pessoa ou grupo pode fazer com o signo, variando de acordo com a experiência e o contexto social; e (iii) pragmático, em que se analisa o uso e os efeitos do signo na interação social e comunicação, com foco nas implicações práticas, nos impactos comunicativos e nas reações dos receptores, explorando como o significado de um signo varia conforme o contexto de uso e o efeito que gera no público.

A partir disso, o Sonnenrad: (i) é um símbolo geométrico, com 12 raios que emanam de dois anéis concêntricos; (ii) é um símbolo com raízes na mitologia nórdica, associado ao regime nazista, aparecendo como ornamento e decoração, emblema de poder e pureza ariana; (iii) por evocar a ideia de superioridade racial, carrega esse significado histórico ligados ao misticismo

da SS, e foi apropriado por grupos neonazistas da atualidade. Funciona como dog whistle por ser menos evidente do que a suástica, e portanto, não ter tantas limitações expositivas, mas também comunica eficientemente aos grupos que a usam como esse emblema da superioridade racial. Quando chamada a atenção para a ligação com o nazismo, muitos podem usar a justificativa do esoterismo, tal qual a própria suástica (apesar de também estilizada quando comparada à original).

No caso de Pepe, (i) é uma ilustração antropomorfizada de um sapo; (ii) foi transformado em meme, símbolo humorístico, e passou a agregar outras versões atreladas à discursos extremistas e supremacistas; (iii) torna-se um símbolo mutável, usado para disseminar ideias extremas sob a aparência de humor ou irreverência, confundindo observadores externos enquanto reforça conexões dentro de comunidades online que compartilham essas ideologias.

Essa análise sugere que a criação e a transformação dos memes não são processos exclusivamente individuais ou autossuficientes. O indivíduo que utiliza a linguagem é guiado por estruturas e normas implícitas do próprio meme, que demandam fidelidade a certos padrões linguísticos. Assim, o meme é replicado com novas variações e formatos, mas mantendo elementos que garantem seu reconhecimento como tal.

Nesse contexto, os memes operam dentro de um jogo enunciativo, no qual recursos linguísticos são manipulados de forma sintática, morfológica, lexical e semântica. O falante, ao interagir com a linguagem, está imerso nesse sistema de regras e influências, o que restringe a total autonomia de criação. No caso dos memes, essa dinâmica está ancorada na necessidade de preservar elementos de fidelidade, que por sua vez garantem a reprodução contínua e a adaptação do meme.

A longevidade dos memes está vinculada a esse processo de construção em cadeia, caracterizado por imitações e misturas. Essa continuidade reforça regularidades e sentidos que, por meio de movimentos enunciativos, são constantemente renovados e projetados. Assim, Pepe reflete tanto a criatividade individual quanto as limitações e os padrões impostos pela própria linguagem e cultura.

Enquanto o Sol Negro possui um significado histórico mais fixo e rígido, Pepe se mostra mais dinâmico, sendo constantemente ressignificado nas subculturas digitais. Essa ambiguidade permite que sejam usados tanto para consolidar a identidade de grupos extremistas quanto para normalizar suas ideias no discurso público, mostrando como símbolos visuais podem ser ferramentas poderosas de comunicação política e social. Fazer um comparativo de um símbolo mais tradicional transformado dog whistle para outro que nasce na internet, com outra dinâmica e maiores possibilidades, prova o quanto a manipulação do discurso, não só verbal, pode

influenciar profundamente nas interações sociais e políticas, bem como influenciar o cenário internacional.

Considerações Finais

O presente trabalho se propôs a fazer uma análise multidisciplinar dos dog whistles, usando dois casos notáveis – um mais tradicional e o outro contemporâneo, utilizando a semiótica para entender como significados e códigos são atribuídos a símbolos aparentemente inofensivos. Conforme visto, o uso da manipulação do discurso a partir de uma máquina de propaganda implacável foi essencial para a ascensão e manutenção de todo um regime e ideologia, a partir de uma linguagem mística e épica, e iconografia cuidadosamente construída.

Após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e seus eventos subsequentes, a barbárie do regime nazista foi universalmente condenada, e o que antes era institucionalizado, passa a ser marginalizado e passa por uma profunda reconstrução e renovação nas décadas seguintes. Levando em consideração as ondas da ultradireita definidas por Cas Mudde, dou uma atenção especial à quarta onda, a partir de 2000, que muda a forma como esse grupo se comporta e se apresenta no cenário político.

Por ser praticamente concomitante à ascensão da quarta onda, é possível observar o advento das redes sociais como um catalisador para a expansão da retórica ultradireitista no século XXI, destacando o impacto transformador desse fenômeno nas dinâmicas políticas e sociais. A convergência entre a descredibilização das instituições tradicionais, a crescente desilusão com o sistema político tradicional e a velocidade dos fluxos informacionais no ciberespaço criou um ambiente fértil para o crescimento de discursos extremistas, que encontraram novas formas de se consolidar e disseminar.

O uso estratégico de ferramentas digitais, como algoritmos que reforçam câmaras de eco, a viralização de conteúdos simplificados e o humor como arma política, demonstra como a ultradireita soube explorar as especificidades do meio digital. Essa adaptação não apenas garantiu sua visibilidade, mas também trouxe uma certa “normalização” das suas ideias em amplos setores da sociedade.

Nesse contexto, o uso de dog whistles se destaca como uma das ferramentas mais eficazes para a comunicação extremista contemporânea. A dimensão linguística dessa estratégia é especialmente significativa, pois opera em múltiplos níveis: utiliza palavras, símbolos ou expressões aparentemente neutras ou inofensivas, mas que carregam significados profundos e específicos para o público-alvo. Por meio da manipulação semântica, esses elementos servem para transmitir mensagens que seriam socialmente inaceitáveis se expressas de forma explícita.

Assim, discursos nativistas, racistas e misóginos são diluídos nos discursos de patriotismo ou proteção à família, tornando-se mais palatáveis para o grande público e infiltrando-se no mainstream.

Além disso, a apropriação e ressignificação de símbolos e expressões, como os casos aqui explorados, Sol Negro e Pepe the Frog, reforçam a criação de uma estética própria para os movimentos ultradireitistas. Essa apropriação não apenas fortalece a coesão interna dos grupos extremistas, mas também atua como uma barreira cultural para os de fora, dificultando o reconhecimento da verdadeira intenção por trás das mensagens. A linguagem criptografada dos dog whistles transforma o discurso em um código social, promovendo identificação e pertencimento para os iniciados, ao mesmo tempo que evita censuras ou rejeição social.

O impacto político dessa dinâmica já é evidente: a vitória de figuras como Donald Trump, essencial para compreender essa “virada de chave”, ou o fortalecimento de partidos de extrema direita, como a Alternative für Deutschland na Alemanha, sinalizam mudanças profundas nos processos eleitorais e no engajamento político. O ciberespaço, com sua capacidade de moldar narrativas e conectar indivíduos em escala global, tornou-se não apenas um campo de batalha simbólico, mas também um espaço onde novas identidades políticas são construídas e consolidadas.

A análise da dimensão linguística dos dog whistles evidencia a sofisticação do uso da linguagem como ferramenta de radicalização e manipulação. Reconhecer as potencialidades da comunicação digital e intervir de maneira ética e estratégica será fundamental para o fortalecimento das democracias, que é onde a ênfase deve estar, como postula a décima segunda tese de Cas Mudde em *A Extrema Direita Hoje* (p. 193). A capacidade das redes sociais em transformar a dinâmica da política serve como um lembrete urgente: cabe a nós, enquanto sociedade, moldar essas ferramentas para servir ao interesse público e não ao seu desmantelamento.

Referências Bibliográficas

BARROS, D. Teoria semiótica do texto. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BBC NEWS. Pepe the Frog meme branded a 'hate symbol'. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-37493165>. Acesso em: 13 nov. 2024

BBC NEWS BRASIL. Sol negro: o que é o símbolo associado ao nazismo usado por militar ucraniano em foto viral da guerra. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60646562>. Acesso em: 14 nov. 2024

BOGERTS, L; FIELITZ, M. **Do you want meme war?** Understanding the visual memes of the German far right. In: FIELITZ, M; THURSTON, N. (eds.). Post-digital cultures of the far right: online actions and offline consequences in Europe and the US. Bielefeld: transcript Verlag, 2021.

CONDE, A. Neonazismo na internet: reinterpretação dos símbolos nazistas no Brasil. 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1701/2/20263852.pdf>. Acesso em: 17 sep. 2023

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEMSKY, J. That Is Really Meme: Nazi Pepe the Frog and the Subversion of Anglo-American Holocaust Remembrance. In: **Nazi and Holocaust Representations in Anglo-American Popular Culture, 1945–2020**. Palgrave Studies in Cultural Heritage and Conflict. Palgrave Macmillan, Cham, 2021.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FREI, N; GOLB, J. **Adenauer's Germany and the Nazi Past: The Politics of Amnesty and Integration**. Columbia University Press, 2002.

GODWIN, M.; TRISCHLER, E. Reimagining the Medieval: The Utility of Ethnonational Symbols for Reactionary Transnational Social Movements. *Politics and Governance*, Lisboa, v. 9, n. 3, p. 215–226, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17645/pag.v9i3.3979>.

GREIMAS, J. **Semântica estrutural**. Pesquisa de Método. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

HABOWSKI, A. C; CONTE, E. O PODER DAS IMAGENS E SÍMBOLOS: REPERCUSSÕES SÓCIO-HISTÓRICAS. **Revista Teias**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 55, p. 227-243, out. 2018 . Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052018000400227&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2023.

HALLIDAY, M. As bases funcionais da linguagem. In.: DASCAL, Marcelo. Fundamentos metodológicos da lingüística. v. 1, São Paulo: Global, 1978, p. 125- 161.

HAWLEY, G. **The Alt-Right: What Everyone Needs to Know**. New York: Oxford University Press, 2019.

LATERZA, R. Ucrânia: como agem e sobrevivem as milícias nazistas. **Outras Palavras**, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/ucrania-como-agem-e-sobrevivem-as-milicias-nazistas/>. Acesso em: 13 nov. 2024

LÜBBE, H. Der Nationalsozialismus im politischen Bewusstsein der Gegenwart, in BROSZAT, Martin (org.). **Deutschlands Weg in die Diktatur**: Internationale Konferenz zur nationalsozialistischen Machtübernahme im Reichstagsgebäude zu Berlin. 1ª Edição. Berlin, Alemanha Ocidental 1983, pp. 329–49.

MAIN, T. **The Rise of the Alt-Right**. Washington, D.C: Brookings Institution Press, 2018.

MENDES, C. M. **Da lingüística estrutural à semiótica discursiva**: um percurso teórico-epistemológico. Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 173–193, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/975>. Acesso em: 17 set. 2023.

NUZZI, O. How Pepe the Frog Became a Nazi Trump Supporter and Alt-Right Symbol. **The Daily Beast**, 2016. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/how-pepe-the-frog-became-a-nazi-trump-supporter-and-alt-right-symbol/>. Acesso em: 13 nov. 2024

POROGER, F; BERESIN, P. As novas caras do neonazismo no Brasil. **Revista Piauí**, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-novas-caras-do-neonazismo-no-brasil/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

REDDIT. The black sun mosaic in the Obergruppenführersaal, or General's Hall at Wewelsburg Castle, often dubbed "the Nazi Camelot" or "the real Castle Wolfenstein". Wewelsburg is a 17th century castle that was heavily remodelled by Heinrich Himmler during the Nazi era. r/evilbuildings. 2021. Disponível em: https://www.reddit.com/r/evilbuildings/comments/t9v4no/the_black_sun_mosaic_in_the_ober_gruppenf%C3%BChrersaal/. Acesso em: 14 nov. 2024

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy**. Oxford, 2019.

SHIFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. 200 p. (The MIT Press Essential Knowledge Series). ISBN 9780262525435.

TEIXEIRA DA SILVA, F. Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, p. 123-146.

WETTS, R.; WILLER, R. **Who Is Called by the Dog Whistle?** Experimental Evidence That Racial Resentment and Political Ideology Condition Responses to Racially Encoded Messages. *Socius*, 5, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2378023119866268>. Acesso em: 6 nov. 2023